

# A Pertinência do Latino Gás 2007

Em janeiro deste ano, após reunião de trabalho em Caracas, os presidentes Hugo Chávez e Luis Inácio Lula da Silva, anunciaram mais um projeto binacional Brasil-Venezuela, desta feita o Gasoduto Del Sur, cujo tramo inicial ligará os campos produtores ao Norte de Caracas, ao Porto do Pecém no litoral brasileiro do Ceará e segundo declarações do presidente da Petrobrás, José Sérgio Gabrieli, os estudos preliminares estarão concluídos até o início de dezembro deste ano.

A partir de então, os efeitos sobre a geopolítica da América Latina se fizeram sentir com maior intensidade, cujos, desdobramentos mais visíveis junto aos mercados brasileiros, foram os seguintes:

► Detentores das maiores reservas de gás natural, conhecidas da Latinoamérica, Venezuela e Bolívia por seus laços históricos, sob a égide das idéias do Libertador Simon Bolívar (1783-1830), em total e completa simetria, com os principais produtores mundiais, começam a cumprir o que lhes cabe para consolidar a OPEG, ou seja, o cartel do gás, lançado pelo Irã na rodada de Doha, no mês de maio último, no Catar, ao lado da Rússia (maior produtor mundial), Irã, Iraque, Argélia, Arábia Saudita, perfazendo um total de 14 países membros.

A OPEG, já vem tirando o sono dos países consumidores e o Brasil sentiu na pele os primeiros sintomas de um relacionamento turbulento, com o tradicional vizinho, a Bolívia, debaixo das idéias estatizantes de Chávez e Evo Morales.

O Gasoduto Del Sur, coloca em definitivo o gás natural, até então uma espécie de “patinho feio”, em relação ao petróleo, na matriz energética de todos os países

*“O Gasoduto Del Sur, coloca em definitivo o gás natural, até então uma espécie de “patinho feio”, em relação ao petróleo, na matriz energética de todos os países da América Latina,”*

da América Latina, sem exceção, em lugar de destaque, impensável há poucos anos atrás, se levarmos em conta por exemplo, que no caso brasileiro começamos a pensar GN, somente a partir de 1974 do século passado, quando das tratativas por parte da BR Distribuidora (subsidiária da Petrobrás), e da Yacimientos Petrolíferos Fiscales Bolivianos, que deu origem ao acordo de Cochabamba, que por sua vez possibilitou a construção do Gasoduto Bolívia-Brasil, que entrou em operações a partir de 1998, com a Bolívia fornecendo ao Brasil 30 milhões de metros cúbicos dia, dos quais só consumimos atualmente 25 milhões, mas, suficientes para colocar o gás natural em um patamar de consumo de 9,1% na matriz energética brasileira, esperando a Petrobrás que este percentual possa elevar-se a 12-13% até 2011, quando começarão a entrar em produção os campos promissores da bacia de Santos.

Segundo os dados da ABEGÁS, consumimos atualmente entre 45 e 47 milhões de metros cúbicos dia, com o segmento industrial utilizando em seu processo de

produção mais de 30% dessa oferta, vindo em seguida o segmento automotivo que coloca o Brasil ao lado da Argentina, com frotas de veículos leves e utilitários que já ultrapassam a marca de 1,5 milhão, de veículos cada, como as maiores do Planeta.

► O Chile, que tem na produção de cobre, o principal item de sua pauta exportadora, precisa cada vez mais de energia para garantir a sustentabilidade de seu desenvolvimento econômico e social, dependendo fortemente do fornecimento de gás dos campos da Argentina, que por sua vez, precisa também do energético para fazer crescer seu parque industrial. O resultado dessa interface, de tantos interesses é um relacionamento conturbado em meio à desconfiança entre os dois países.

► O Peru, com grandes reservas na região de Camisea, não vê em seus horizontes, maiores problemas para exploração em parceria com as petroleiras Internacionais e em virtude de seu reduzido mercado, incorporará sem maiores problemas o gás natural à sua matriz energética.

► A Venezuela, detentora de reservas superiores a 4 trilhões de metros cúbicos tem assento garantido e lugar de destaque, nas demárcches, iniciadas a partir do encontro de Doha, na consolidação, do cada vez mais presente Cartel do Gás, levando sobre suas costas, a Bolívia de Evo Morales.

► Na América Central e Caribe, só Trinidad e Tobago tem em sua empresa estatal, reservas e capacidade instalada para se inserir com maior densidade no contexto da Latinoamérica, com posição garantida na formação do Cartel.

Convém lembrar que a Venezuela que já integra o poderoso Cartel da OPEP, composto por 11 membros, implanta agressiva política de nacionalização de seus hidrocarbonetos, com a moral e disposição de quem detém as maiores reservas mundiais de óleos pesados, com destaque para o Oremulsion, que prolifera nos campos do Rio Orenoco, na Amazônia Venezuelana, na fronteira com o Brasil.

Pelo menos em um horizonte de cinco anos 2010/2011,

*“De olho no pólo gás químico na região de Corumbá, a Petrobrás não sairá da Bolívia.”*

não poderemos, para crescer a uma taxa de 5%, como prevê, e deseja a equipe econômica do atual Governo, nos privar do gás boliviano oriundo das regiões de San Izidro e San Martin, nacionalizados desde 1º de maio último, agora de propriedade exclusiva da YPFB, com a orientação e a completa cobertura da poderosa PDVSA, a estatal venezuelana de petróleo e gás.

Chávez também adotou o mesmo procedimento de seu colega boliviano. Ao diminuir a participação das petroleiras na exploração, distribuição e refino, dos derivados de petróleo transformou seus antigos sócios em meros prestadores de serviços. No cenário boliviano, por exemplo, não restou outro caminho à Petrobrás se não vender suas refinarias de Cochabamba e Santa Cruz de La Sierra, ao governo boliviano.

De olho no pólo gás químico na região de Corumbá, a Petrobrás não sairá da Bolívia. A partir de agora, a diplomacia comercial brasileira vai ter que ousar todo seu talento e competência, minimizando os traumas que levaram a Petrobrás a entregar à YPFB, o refino e a distribuição de um mercado consumidor, de 40 mil barris diários, com vistas à implantação do pólo gás químico na fronteira com a Bolívia, com investimentos previstos para 6 bilhões de dólares.

A matriz energética brasileira precisa também das hidrelétricas do Rio Madeira em Rondônia, na fronteira com a Bolívia que vão aumentar em mais de 6000 MW a oferta de energia no país, cuja construção vem enfrentando problemas no seio dos ambientalistas, apesar dos insistentes pronunciamentos do presidente Lula, defensor deste mega-projeto.

A partir de agora, segundo analistas e estudiosos do setor, as preocupações dos Governos em todos os continentes, principalmente entre os países emergentes,

terão em caráter permanente, em suas agendas, discussões sobre sustentabilidade e energia, razão pela qual vão se tornar cada vez mais tensas e demoradas as discussões e os relacionamentos, entre países produtores e consumidores.

A maior prova disso, foi o que aconteceu recentemente, entre os membros, cerca de 27, que compõem a Comunidade Econômica Européia. A poderosa Gázprom, suspendeu unilateralmente e sem qualquer aviso, o fornecimento de gás aos mais densos e importantes mercados europeus, e durante três ou quatro dias a Europa tremeu.

O relacionamento diplomático do Brasil com a Venezuela teve início logo após a guerra do Paraguai, por volta de 1870, com a instalação do Consulado Venezuelano em Belém. Por mais de cento e cinqüenta anos, nos mantivemos distantes da chamada América espanhola. Nossos interesses e nossa visão de uma economia internacionalizada voltaram-se para o Conesul, com o Barão de Mauá no final do reinado de Dom Pedro II, concentrando seus investimentos na bacia do Rio da Prata.

À época Irineu Evangelista de Souza, desempenhava na globalização de nossa economia, com seus portentosos investimentos, mais ou menos o que a Petrobrás, desempenha atualmente, marcando presença em mais de 30 países, à procura de petróleo e gás, no cenário energético Internacional.

Debaixo da figura e das idéias de Simon Bolívar, as Repúblicas Bolivarianas, Venezuela, Colômbia, Peru, Equador e Chile, aglutinaram-se, formando a Comunidade Andina de Nações. Convém lembrar que a Venezuela, sentada nas maiores reservas de petróleo e gás, é o único país que faz parte da CAN, do Mercosul, e do poderoso Cartel da OPEP, que ajudou a fundar em setembro de 1960, nas magníficas instalações do Hotel Tamanáco, na cidade de Caracas.

Ao mesmo tempo em que se professa católico apostólico romano, perpetua-se no poder como democrata e se consagra no congresso unicameral de seu país com Lei Habilitante que lhe concede poderes discricionários, o presidente Chávez prepara-se para assumir o socialismo de Fidel Castro, e joga seus elevados cacifes na criação do cartel do gás.

Compreender e interpretar, seus gestos e idéias não é tarefa para amadores, no jogo pesado do comércio internacional. Pelo visto, nossos futuros presidentes e a competente diplomacia, alojada no Palácio do Itamaraty, em Brasília, vai ter que produzir muita saliva, nas futuras conversas e encontros com o Simon Bolívar do novo milênio.

Neste contexto, o Latino Gás 2007, que acontecerá em Goiânia em agosto vindouro, e que tem nos presidentes Carlos Maranhão da GoiásGás, Paulo Afonso Ferreira do Sistema FIEG e no Senador Marconi Perillo, presidente da Comissão de Infra-estrutura do Senado Federal, seus principais articuladores, prestará inestimáveis serviços ao incremento no consumo do GNL, que tem em Goiás seu mercado pioneiro na América Latina e que começa a despertar interesse em outros países Latinoamericanos, como alternativa que aos poucos deixa de ser transitória para se tornar cada vez mais definitiva.

---

## José Everardo Sobral Ramos

Jornalista, especializado em Petróleo e Gás, Coordenador Geral do Latino Gás 2007.